

Tudge, C. 2002. *Neandertais, bandidos e agricultores: como começou realmente a agricultura?* Coimbra, Quarteto Editora. (Tít. original: *Neanderthals, bandits and farmers. How agriculture really began*, 1998). 63 p. (Darwinismo Hoje). ISBN 972-871-727-X. € 7,50.

A transição das comunidades humanas para o sedentarismo e para actividades associadas à domesticação de animais e cultivo de plantas, depois de milhares de anos de caça e recollecção, é um tema que tem suscitado o interesse de gerações de investigadores. Desde o século XIX é reconhecida a importância dos avanços tecnológicos que conduziram à criação do termo Neolítico ao qual, posteriormente, foi conferido o estatuto de “Revolução”. A longevidade desta discussão vem-se perpetuando em acesos debates, permitindo teses diversas ao sabor dos tempos.

Eis-nos na presença de mais uma versão que, não sendo completamente inovadora, pois a ideia de uma agricultura incipiente é defendida por alguns investigadores, apresenta-se original na argumentação. Colin Tudge esgrime as suas capacidades de comunicador da ciência conseguindo, em poucas páginas, fornecer abundante informação sobre o aparecimento da agricultura pelo mundo. Nesta obra é sugerido que a “Revolução Neolítica não representa o início da agricultura” (p. 60) mas, sim, a transição entre a agricultura como um suplemento à caça e à recollecção, e o momento, alterado por circunstâncias várias, em que ela se tornou norma. A “proto-agricultura” terá começado ainda durante o Paleolítico, por volta dos 40.000 anos (p. 12), anteriormente, portanto, à dispersão dos seres humanos.

Esta proposta vai assim contra a corrente que defende o início da agricultura no Médio Oriente há cerca de 10.000 anos e destrói a visão de que a agricultura é vantajosa relativamente à caça e à recollecção. A problemática é estruturada em três capítulos: “As várias faces da agricultura”, “O fim dos Neandertais e a devastação Pleistocénica” e “A Revolução Neolítica”, balizados pela “Introdução” e “Conclusões” que sumariam os aspectos desenvolvidos.

Esta obra de divulgação, ao utilizar uma linguagem acessível e até mesmo divertida, abre horizontes ao leitor veiculando ideias contrárias às transmitidas por muitos manuais escolares. O autor articula de forma entusiasta e provocatória elementos sobre fauna, flora e arqueologia com referências literárias e cinematográficas porém, sem se deter em pormenores e na evolução dos conceitos, prática comum ao especialista. Aqueles ingre-

dientes são, nalgumas situações, inseridos de forma excessiva o que os pode tornar perigosos para públicos menos familiarizados com a complexidade da questão. De destacar que Tudge reconhece a sua “própria excêntrica” (p. 61).

Outro aspecto decorrente das características de livro de pequenas dimensões diz respeito à (demasiada) simplificação de temas, como é disso exemplo a resenha sobre a evolução humana (p. 30-31). A Bibliografia poderia servir de salvaguarda, não fosse a inexistência de traduções para português.

*Neandertais, bandidos e agricultores* integra a coleção “Darwinismo hoje”, série que, segundo o prefácio dos editores, resulta do considerável impacto obtido pelos Seminários sobre Darwin organizados pela *London School of Economics* e que pretende constituir uma apresentação às ideias de Darwin, introduzindo o grande público nos debates actuais em matéria de teorias evolutivas. Convém, no entanto, referir que o livro em questão apenas superficialmente aborda Darwin.

A edição original, publicada em 1998, apresenta-se encadernada, com papel de qualidade e grafismo cuidado; enquanto a portuguesa, apesar de manter as dimensões e design da capa, é brochada e deficitária quanto à revisão científica e gráfica.

Esperamos que a tradução dos restantes livros da série, sem dúvida capazes de cativar públicos heterogéneos, esteja para breve e beneficie dos cuidados devidos.

### **Ana Luísa Santos**

Departamento de Antropologia  
Universidade de Coimbra  
3000-056 Coimbra, PORTUGAL  
alsantos@ci.uc.pt